

LGBT (Q de Queiroz): deslizamentos de sentido em efeitos metafóricos no discurso do deputado Eduardo Bolsonaro no *Twitter*

LGBT (Q of Queiroz): sense slips in metaphorical effects in Eduardo Bolsonaro congressman's discourse on Twitter

Dalexon Sérgio da Silva ¹

RESUMO

Este artigo analisa dois enunciados publicados no *Twitter*, no dia 13 de outubro de 2019, um produzido pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, usando uma camisa ironizando a sigla LGBT, e o outro de uma internauta, retuitando esse parlamentar, ao afirmar que ele se esqueceu de escrever o “Q de Queiroz”. Assim, à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), baseado nos estudos de Pêcheux, na Europa, e de Orlandi e estudiosos no Brasil, este trabalho mobiliza os conceitos de sujeito, memória discursiva, paráfrase, polissemia e efeitos metafóricos para analisar esses enunciados, que reconstroem o já-dito e se inscrevem, na historicidade, por meio da exterioridade constitutiva, em novas discursivizações.

Palavras-chave: Sujeito. Memória discursiva. Efeitos metafóricos.

ABSTRACT

This paper looks at two statements posted on *Twitter* on October 13, 2019, one produced by the congressman Eduardo Bolsonaro, wearing a shirt which mocks the LGBT movement and the other of a netizen retweeting this MP by saying that he forgot to write the "Q of Queiroz". Thus, in the light of the theoretical perspective and analytical procedures of French Discourse Analysis (AD), based on studies by Pêcheux in Europe, Orlandi and scholars in Brazil, this work mobilizes the concepts of subject, discursive memory, paraphrase, polysemy and metaphorical effects, to analyze these statements, which reconstruct the aforementioned and inscribe themselves, in the historicity, through the constitutive exteriority, in new discursivizations.

Keywords: Subject. Discursive memory. Metaphorical effects.

¹ Pós-doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife/PE, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5977-361X>. E-mail: dalexon@uol.com.br.



1 EFEITO DE INÍCIO

No dia 13 de outubro de 2019, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) virou motivo de piada na internet após publicar uma imagem vestindo uma camiseta que ironizava a sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros). “O conceito de LGBT foi atualizado com sucesso”, afirmou o parlamentar, exibindo as mesmas letras, entretanto, com referências, em inglês, a *Liberty* (Liberdade), *Guns* (Armas), Bolsonaro e Trump.

Nesse mesmo dia, em referência à provocação feita pelo parlamentar, o site da revista *Fórum* publicou uma reportagem denominada: “Camisa LGBT de Eduardo Bolsonaro vira piada e redes acrescentam ‘Q’ de Queiroz”². A matéria de capa afirmou que a provocação feita pelo deputado Eduardo Bolsonaro foi ironizada nas redes sociais e usuários atribuíram novos significados à camisa, recordando escândalos do PSL (Partido Social Liberal) e da Família Bolsonaro.

De acordo com o site da revista *Veja*, em matéria de capa, do dia 14 de outubro de 2019, intitulada “Eduardo Bolsonaro tenta ironizar sigla LGBT, mas vira piada”³, o deputado exibiu a camiseta durante a conferência conservadora CPAC e afirmou ter sido um presente de uma equatoriana que mora na Argentina. “Curtiram?”, questionou. Logo após a publicação, os usuários das redes sociais caçoaram com um alerta de que o parlamentar havia se esquecido de acrescentar a letra Q, de Queiroz. No subtítulo da reportagem, a revista pontuou: “Internautas debocharam da publicação do Zero Três e acrescentaram a letra Q, de Queiroz, em referência ao enrolado ex-assessor”.

Ainda em relação à atitude do deputado Eduardo Bolsonaro de debochar da sigla LGBT num evento social que participava, o site *Pragmatismo Político* trouxe, no dia 15 de outubro de 2019, a seguinte matéria: “Eduardo Bolsonaro passa vergonha nas redes após ironizar sigla LGBT”⁴. A matéria em questão afirmou que Eduardo Bolsonaro tentou ironizar a sigla LGBT e, desse modo, o filho do presidente virou motivo de chacota e passou vergonha nas redes.

A reportagem do site *Pragmatismo Político* ainda mostrou publicações de internautas, que retuitaram o comentário do parlamentar Eduardo Bolsonaro, produzindo novos sentidos a partir do enunciado promovido pelo deputado. A matéria mostrou que, além de ironizar o ex-assessor do seu

² Disponível em: <http://revistaforum.com.br/politica/camisa-lgbt-de-eduardo-bolsonaro-vira-piada-e-redes-acrescentam-q-de-queiroz/>. Acesso em 17 de jul. 2020.

³ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-tenta-ironizar-sigla-lgbt-mas-vira-piada/>. Acesso em 17 de jul. 2020.

⁴ Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/10/eduardo-bolsonaro-vergonha-camisa-lgbt.html>. Acesso em 17 de jul. 2020.





irmão Flávio Bolsonaro, Fabrício Queiroz, os internautas ainda sugeriram novos significados à camiseta.

Do exposto, entre os novos sentidos sugeridos pelos internautas, destacaram-se: “Também atualizamos a definição de LGBT e incluímos a letra que você esqueceu [a letra Q], Laranja, Gado, Burro, Terraplanista e Queiroz’, zombou uma usuária do *Twitter*” e o enunciado “Camiseta LGBTQ da era Bolsonaro devidamente corrigida: L de Laranjas, G de Gado, B de Bosta, T de Terra Plana, Q de Queiroz”, retuitou outra internauta.

Diante do enunciado proposto pelo deputado Eduardo Bolsonaro em sua camisa e de efeitos de sentido que circularam nas redes sociais promovidos pelos retuítos feitos por internautas contrários à provocação feita por esse parlamentar à sigla (movimento social) LGBT, este artigo objetiva responder às seguintes questões de pesquisa: (i) Como funciona o discurso produzido pelo deputado Eduardo Bolsonaro e pela retuitagem da internauta nesses dois enunciados? (ii) Que efeitos metafóricos são produzidos a partir do que há em comum e/ou diferente entre esses dois enunciados no *Twitter*? (iii) Como a memória discursiva se apresenta nessas publicações?

Para responder a tais questões, este trabalho investigativo se posiciona baseado na teoria e método da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, delineada na França por Michel Pêcheux, reterritorializada no Brasil por Orlandi e continuada por demais estudiosos do campo de estudos em questão.

2 SUJEITO, MEMÓRIA DISCURSIVA, PARÁFRASE, POLISSEMIA E OS EFEITOS METAFÓRICOS

De imediato, é preciso pontuar que o sujeito, a partir da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, é compreendido a partir da noção de sujeito dividido, cunhada pelo próprio Pêcheux, considerando-se que a própria teorização de Pêcheux reterritorializa a noção de sujeito a partir dos estudos lacanianos e althusserianos. Segundo Pêcheux (2014), o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina. E, desse modo, não é a fonte ou origem do dizer, justamente porque a sua forma sujeito do discurso é ideológica, assujeitada, não psicológica, não empírica e, assim, na ordem do discurso há o sujeito na língua e na História.

Para que se possa entender o sujeito da AD é necessário se voltar para sua constituição, pois nela intervêm dois aspectos constitutivos: primeiro, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, mas se acredita individual, livre e, segundo, o sujeito é atravessado pelo inconsciente, contudo acredita



estar o tempo todo consciente. Afetado por esses dois elementos, a partir de sua constituição, o sujeito (re)produz o seu discurso.

Assim, de acordo com Gregolin (2003), o sujeito constitui-se numa posição-limite entre o que pertence à dimensão enunciativa e o que pertence à dimensão do inconsciente, sem se limitar a nenhum dos dois aspectos, pois é nesse lugar que se inclui o que é de dimensão ideológica. Justamente por essas questões apontadas, aqui, que se tem, na AD, um sujeito cindido, clivado, descentrado de sua posição de controle, não se constituindo como fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, pois, o sujeito é determinado pela formação discursiva na qual o sujeito falante está inscrito ao enunciar, mas esse sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem do seu discurso.

Do exposto, é preciso compreender que, na perspectiva da AD, sujeito e sentidos se constituem mutuamente e sempre na relação constitutiva entre a paráfrase e a polissemia. De acordo com Orlandi (2005, 2008), os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há algo que se mantém, ou seja, o dizível, a memória. É preciso observar, no jogo de sentidos produzidos pelo discurso, a paráfrase (a repetição) e a polissemia (a instauração da diferença). A AD relaciona os processos de significação que acontecem em um texto com a sua historicidade, por meio da exterioridade constitutiva de todo dizer. Nessa diretriz, a polissemia se mostra como diferentes movimentos de sentido num mesmo objeto simbólico.

Ainda de acordo com a autora:

A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos no mesmo objeto simbólico (ORLANDI, 2005, p. 38).

Sobre a paráfrase pode ser mencionado que esta é entendida como o retorno aos mesmos espaços do dizer e é nesse jogo entre paráfrase (o mesmo) e polissemia (o diferente), entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, significam-se e se (re)dizem. É por esse movimento constitutivo entre paráfrase e polissemia que alguns sentidos são mobilizados e outros silenciados. Desse modo, coloca-se a relação do dizer com o não-dito, seja porque é dito de outro modo, seja porque é silenciado, interdito.

Outra noção teórica basilar a se fazer presente neste trabalho é a noção de memória discursiva. Assim:





A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Nesse direcionamento, os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Desse modo, a memória é o saber discursivo, o já-dito, os sentidos a que já não se tem mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão nos sujeitos, sem pedir licença. A memória, compreendida por Orlandi (2014) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso e é essa concepção que neste artigo se adota, ou seja, considera-se a memória discursiva chamada também de interdiscurso.

Nesse ponto, a memória discursiva se apresenta como a condição do legível, estabilizada por uma série de repetições e regularizações de discursos próprios, presente numa dada conjuntura social. Contudo, devido ao atravessamento de formulações divergentes, pode vir a sofrer uma desestabilização, favorecendo efeitos de sentidos que entrarão em deriva, permitindo, na tessitura discursiva, a presença de equívocos, atos falhos e lapsos, por exemplo. Isso posto, para Pêcheux (1999, 2014), todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outros discursos.

Segundo Lassen (2010), essa deriva é, pela percepção da AD, constitutiva do sujeito e da língua(gem) e pode configurar-se em deslizamentos de sentido. É justamente por meio dos deslizamentos de sentido que se torna possível observar os atravessamentos de outras posições, de outros discursos, de outras formações discursivas. Nessa compreensão, os sentidos já assentados e estabilizados, pelo viés da memória discursiva, emergem no encontro da história com a atualidade e podem "escorrer", deslizar para outras direções, promovendo rupturas.

Outro ponto a ser observado, neste artigo, é a concepção dos efeitos metafóricos. Segundo Pêcheux:

Chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse "deslizamento de sentido" entre x e y é constitutivo do "sentido" designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos "naturais", por oposição aos códigos e às "línguas artificiais": em outros termos, um sistema "natural" não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua (PÊCHEUX, 1990, p. 96).

Pêcheux (1993, 2009, 2014) coloca a metáfora constitutivamente em relação à exterioridade. Tal relação leva a pensar a metáfora como efeito de sentido instaurado por meio da posição do sujeito (social, cultural, histórico), da relação com a ideologia, a memória discursiva e a rede de sentidos tecida





pelo interdiscurso. Esse efeito metafórico relaciona-se fortemente com o imaginário do sujeito do discurso que, por ser social, encontra-se ancorado na formação discursiva em que se inscreve o sujeito, e não em um imaginário individualizado, como é o da retórica. Desse modo, as transferências e/ou superposições que estão na base do efeito metafórico refletem todo o jogo de produção de elementos possíveis no âmbito desse discurso.

É a possibilidade do efeito metafórico, conforme afirma Pêcheux (1990, 2009) que permite que um efeito semântico possa ser substituído contextualmente por outro, sem que dele se desvincule totalmente. É, pois, esse efeito que traz a possibilidade de deslocamento dos sentidos senão o que ocorreria seria apenas uma reprodução dos sentidos, nos quais a interpretação, os deslizamentos não teriam lugar, pois seriam meras repetições.

Pêcheux (1997, 2014) defende em seus estudos que todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para se derivar para outro, assim, é o efeito metafórico que expõe a relação da língua e da historicidade no discurso, através dos deslocamentos de sentidos. Desta feita, a metáfora passa a possuir a noção de “*transferência*”, o modo como as palavras significam. Nessa compreensão, não há sentido sem metáfora, como bem defendeu Pêcheux:

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se “revestem de um sentido” não poderia ser predeterminado por propriedades da língua, pois isso seria admitir que os elementos já estão dotados de sentido, que têm primeiramente sentido ou sentidos, antes de ter um sentido. De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, sinônimos), das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem (PÊCHEUX, 2014, p. 239-240).

É nesse ponto que o *efeito metafórico*, visto como fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, provoca um *deslizamento de sentido* entre dois termos. Esse deslizamento ocorre porque os sentidos de um discurso são determinados pelo processo de produção e pelas condições de produção desse discurso, o que significa inscrever os sentidos na história.

De acordo com Orlandi (2005), é por meio da *transferência* de sentidos de uma palavra que percebemos a não-evidência, a não-literalidade desses sentidos, pois, para ela, palavras iguais podem significar diferentemente, porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. Segundo Orlandi (2001, 2006), a partir da formação discursiva, relaciona-se a questão do discurso com o próprio sujeito,





ou seja, os enunciados não existem em “si mesmos”, mas são determinados pelas posições ideológicas ocupadas pelo sujeito e, assim, a mesma palavra pode significar de forma diferente a partir da posição em que se inscreve.

3 UM GESTO ANALÍTICO SOBRE UM *CORPUS* DISCURSIVO

Aqui, serão analisados dois enunciados publicados, no *Twitter*, no dia 13 de outubro de 2019. O primeiro enunciado foi feito por Eduardo Bolsonaro, sujeito que ocupa a posição-sujeito de deputado federal e filho do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. O segundo foi mobilizado como retuíte por um sujeito que ocupa a posição-sujeito de internauta e que se marca na publicação como “Sapatão do sítio”.

Tais enunciados serão analisados através do aporte teórico-analítico da AD. As noções operatórias dessas discursividades, presentes na figura 1 e na figura 2, que são observadas e analisadas aqui, serão o sujeito, a memória discursiva (interdiscurso), a paráfrase, a polissemia e os efeitos metafóricos.

É preciso pontuar que este artigo busca observar, principalmente, o outro sentido, aquele que pode ser possível em outra posição que o sujeito (pode vir a) ocupa(r) na sociedade. Assim, este trabalho procura mostrar os embates ideológicos que ocorrem no funcionamento da linguagem e a existência da materialidade linguística na ideologia. Baseado em Orlandi (2010), a ideologia é aqui concebida como as relações imaginárias do sujeito com as suas condições reais de existência. Trata-se do mecanismo de produção de evidências, no escopo dos estudos da AD. Abaixo, apresentamos dois recortes que contém similaridades entre si ao mesmo tempo em que ocorrem deslocamentos no âmbito dos efeitos de sentido produzidos, considerando-se a posição social que os sujeitos ocupam:





Figura 1: Recorte 1 (enunciado 1)



Fonte: *Twitter*⁵

Figura 2: Recorte 2 (enunciado 2)



Fonte: *Twitter*⁶

De início, é importante analisar as posições que os sujeitos sociais ocupam nesses dois enunciados (recortes 1 e 2), pois, aqui, o linguístico intervém como pressuposto, que aponta para a exterioridade constitutiva na historicidade e traz uma demarcação de territórios, de conflitos, que apontam para uma contradição constitutiva.

Nessa relação de forças, os sentidos provocados pelas imagens são regulados de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito. Desse modo, o deputado Eduardo Bolsonaro, atravessado pela ideologia que o interpela, publica a imagem da sua camisa se marcando, midiaticamente, a partir da sua posição (lugar social) de deputado e de filho do presidente do Brasil, como alguém que se identifica com o conservadorismo, com a “família tradicional cristã heteronormativa”, como um propagador dos “bons costumes”. São saberes e sentidos que circulam desse modo a partir do seu posicionamento político inscrito na extrema direita conservadora.

Do outro lado, há o sujeito internauta que o retuita, posicionando-se por meio da nomenclatura de “Sapatão de sítio”. Nesse enunciado, os termos linguísticos apontam para o já-dito noutra lugar, conforme defende Pêcheux (1990, 1999, 2014) ao dizer que alguma coisa fala antes noutra lugar

⁵ Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1183250828364341248>. Acesso em: 17 jul. 2020.

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1183250828364341248>. Acesso em: 17 jul. 2020.



independente e diferentemente e, pelo funcionamento da memória discursiva/interdiscurso, os saberes mobilizados apontam para o fato de que o termo linguístico “Sapatão” pode marcar o lugar social de pessoas que sofrem preconceitos e são marginalizadas por uma parte da sociedade, pela orientação sexual de serem consideradas lésbicas. Logo, o sujeito do *Recorte 2 (enunciado 2)* enuncia identificado à sigla LGBT, que foi ironizada e debochada pelo sujeito do *Recorte 1 (enunciado 1)*, deputado bolsonarista.

É interessante mostrar que, pelo viés da AD, o sujeito, ao enunciar, além de dizer algo sobre o outro, diz muito também sobre si, sobre a sua própria constituição enquanto sujeito do efeito ideológico. Assim, ao afirmar “- O conceito de LGBT foi atualizado com sucesso [...]”, o sujeito parlamentar Eduardo se mostra tocado pela equivocidade, pois ele se posiciona constituído pelo esquecimento número 2, pelo que Pêcheux (1990) atribui a ilusão de haver a possibilidade monossêmica da linguagem para o sujeito e a impossibilidade de produção do sentido fora de uma dada formação discursiva.

Ora, isso explica a ilusão constitutiva do efeito-sujeito deputado Eduardo Bolsonaro ao mobilizar os termos: “atualizado com sucesso”. Desse modo, ele demonstra imaginar que os novos sentidos irônicos que ele produziu para a sigla LGBT estão cristalizados, colados nela agora, de forma estancada, como se não houvesse a possibilidade de reversibilidade já que o termo sucesso aponta para um efeito de que o discurso mobilizado por ele foi bem-sucedido. É preciso mencionar que tal atualização aparece como estando evidente pelo sujeito, o que não ocorre porque é necessário considerar o caráter irônico e cínico do sujeito em questão. Dessa forma, o enunciado não está inserido nessa posição de literalidade. Assim, o sujeito não está, necessariamente, inscrito nessa evidência, mas jogando com a polissemia para fazer valer o impacto e do seu discurso numa rede social.

Não é à toa que o segundo esquecimento, visto pela teoria da AD, é chamado de “esquecimento enunciativo” e produz no sujeito a impressão de que o que ele diz só pode ser dito dessa maneira e não de outra forma, o que remete à concepção de sujeito psicanalítico, atravessado pelo inconsciente, cindido, clivado e marcado pela impossibilidade de controle de si e dos efeitos de sentido de seu dizer.

Ao enunciar desse modo, o sujeito deputado Eduardo Bolsonaro se subjetiva na medida em que se projeta de seu lugar no mundo (deputado de extrema direita) para sua posição no discurso (crítico da comunidade LGBT). Nessa medida, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo na articulação da língua com a história. Assim, é importante pontuar que a noção de esquecimento aqui mobilizada não se refere à *lembrança* e sim ao *reconhecimento*. Para Pêcheux, o esquecimento não é da





ordem de o sujeito não se lembrar de algo que se teve um dia e se perdeu, mas é da ordem de o sujeito não reconhecer que o seu dizer advém de outros discursos, de determinada condição histórica.

No *recorte 1 (enunciado 1)* o sujeito parlamentar mobiliza a paráfrase (repetível – sigla LGBT) e, com efeitos metafóricos irônicos, a polissemia “*Liberty* (liberdade), *guns* (armas), Bolsonaro e Trump”). O sujeito internauta no *recorte 2 (enunciado 2)* também mobiliza a paráfrase (o mesmo) e a polissemia (o diferente), para deixar em evidência uma das principais máximas da AD de que o sentido sempre pode ser outro. Assim se produz o deslizamento de sentido em efeitos metafóricos e a sigla LGBT passa a significar: “L de Laranjas; G de Gado; B de Bosta; T de Terra Plana; Q de Queiroz”.

É nessa compreensão de efeitos metafóricos que Pêcheux (1990, 1993, 2014) traz a metáfora como efeito de sentido instaurado por meio da posição do sujeito social, cultural e historicamente constituído (no caso deste artigo, a posição de deputado e de internauta analisadas), da relação com a ideologia (ideologia de extrema direita *versus* posicionamento do movimento LGBTQ observadas aqui), com a memória discursiva e a rede de sentidos tecidas pelo interdiscurso (relação entre paráfrase e polissemia, aqui, analisadas).

Esse efeito metafórico relaciona-se fortemente com o imaginário do sujeito do discurso que, por ser social, encontra-se ancorado na formação discursiva em que se inscreve como sujeito (deputado, filho do presidente, internauta, sapatão); não em um imaginário individualizado, como é o da retórica. Desse modo, as transferências ou superposições que estão na base do efeito metafórico refletem o jogo de possíveis do discurso.

É instigante analisar que, ao enunciar: -“Camiseta LGBTQ da era Bolsonaro devidamente corrigida”, o sujeito internauta no *recorte 2 (enunciado 2)* reatualiza o já-dito, inscrevendo-lhe numa memória atual. Há, aqui, uma constante retomada parafrástica e polissêmica, pois o deputado Eduardo retoma a sigla LGBT, por meio do *recorte 1 (enunciado 1)*, e cola nela sentidos irônicos em deboches à comunidade identificada por essa sigla, mas o sujeito internauta o retuita e, no *recorte 2 (enunciado 2)*, a partir dos novos sentidos colados ao linguístico presentes na camisa desse citado parlamentar, atribui outros novos sentidos em efeitos metafóricos à sigla LGBT, mostrando o que defende Orlandi (2005) quando afirma que os sentidos sempre estão à deriva.

Desse modo, ao reatualizar a sigla LGBT, já, então, reatualizada pelo deputado Eduardo Bolsonaro, o internauta no *recorte 2 (enunciado 2)* e o parlamentar Eduardo no *recorte 1 (enunciado 1)* mostram como a memória discursiva se apresenta nessas duas publicações. Eduardo, como sujeito efeito da ideologia à qual ele se filia, deputado que se identifica com a direita conservadora e filho do presidente do Brasil atribui à sigla LGBT os sentidos de *Liberty* (Liberdade), *Guns* (Armas), Bolsonaro





e Trump. Já o sujeito internauta, como “Sapatão de sítio”, atribui novos efeitos metafóricos em: L de Laranjas, G de Gado, B de Bosta, T de Terra Plana, Q de Queiroz.

A memória discursiva se mostra funcionando por meio da exterioridade constitutiva que se apresenta nesses dois enunciados (recortes 1 e 2). No primeiro, é possível perceber a ideia de “liberdade” defendida pelos bolsonarista de que iriam tirar o Brasil das amarras de um suposto viés ideológico, principalmente da ideologia de gênero, tão combatida pelo sujeito deputado federal Eduardo Bolsonaro e seu pai, o presidente Jair Bolsonaro, durante o período das eleições de 2018 no Brasil. Também é possível perceber o já-dito por meio da associação às armas, que se tornaram um dos ícones da campanha do presidente Jair Bolsonaro, por meio do gesto feito com os dedos das mãos para formarem a imagem de uma arma, por exemplo, além da própria referência aos nomes de Bolsonaro e Trump numa associação a tudo o que eles representam a partir do lugar de presidente do Brasil e dos Estados Unidos da América.

No segundo enunciado (recorte 2) é possível observar que a memória discursiva se faz presente fazendo ressoar ecos de alguma coisa que fala antes noutro lugar, conforme atesta Pêcheux (1990, 1999), ao elaborar as noções da AD, pois a referência ao “L de Laranja”, por exemplo, permite que esses termos linguísticos se inscrevam numa memória atual, que acessa uma rede de memórias sobre os escândalos que ficaram conhecidos popularmente como *o laranjal do PSL*, pelo fato, principalmente, dos ministros de Jair Bolsonaro serem denunciados no esquema de laranjas, juntamente com o seu filho Flávio Bolsonaro e o seu ex-assessor, Fabrício Queiroz.

É interessante observar que há diferentes processos de identificação ocorrendo nessas derivas, a partir das diferentes posições-sujeito. No enunciado 1, do parlamentar Eduardo Bolsonaro há, de certa forma, uma identificação/reivindicação dos/com os novos sentidos (armas, “liberdade”, Bolsonaro e Trump); já no enunciado 2, da internauta Sapatão de Sítio parece haver uma identificação quanto às críticas dos sentidos novos da definição da sigla: a crítica sarcástica ao termo “laranja”, “terraplana”, etc. Ocorrem, então, ressonâncias enunciativa e discursivamente instauradas. Essa memória discursiva, caracterizada por modos de identificação e deslocamento de sentidos, remete a lugares social e historicamente situados na história que permitem a identificação de determinado sujeito no discurso de construção de novos/outros sentidos para a sigla. Outrossim, torna-se necessária a resignificação de termos associados negativamente ao sujeito como “laranja” e terraplana”, situados no âmbito de uma produção discursiva que precisa sofrer um deslocamento para que o sujeito se identifique com tais enunciados. Isso porque tanto o enunciado resignificado quanto a memória discursiva situam-se no campo de coisas que podem ou não ser ditas para que haja (des)identificação.





Desse modo, é possível também observar, considerando a questão da memória discursiva, conforme compreende Indursky (2005, 2006), que a AD não trabalha com a percepção do que o texto quer dizer, ou seja, do sentido colado ao linguístico, mas com o modo como o texto funciona na historicidade. Assim, a memória discursiva, no *enunciado 2*, promove a transferência em efeitos metafóricos do termo linguístico “L de lésbicas” (na sigla original), “L” de *Liberty*” (produzida pelo deputado Eduardo Bolsonaro) e “L de Laranja” (produzida pelo sujeito internauta Sapatão de sítio).

Ainda é interessante analisar os efeitos metafóricos que são produzidos a partir do que há em comum e/ou diferente entre esses dois enunciados (recortes 1 e 2) no *Twitter*, pois, conforme se pode verificar, na camisa do parlamentar Eduardo Bolsonaro há uma supressão da letra *Q*. O discurso do deputado, tocado pela equívocidade, produz um efeito de apagamento das letras atuais que marcam elementos identitários dessa comunidade e exhibe a sua camisa produzindo deboches à sigla LGBT sem a letra *Q*. Contudo, a internauta, que se mostra identificada à sigla, produz efeitos metafóricos ao “lembrar” ao deputado que ele se esqueceu de pôr na sua camisa a letra “Q”, que, em variações da sigla deixa de identificar e representar o *queer*, para identificar o ex-assessor Fabrício Queiroz, que, na camisa criada pela internauta como *meme*, ganhou um espaço na altura do peito do parlamentar Eduardo.

Para a AD, conforme defende Gregolin (2003), a noção de memória discursiva diz respeito às formas significantes que levam uma sociedade a interpretar-se e a compreender-se através dessa interpretação. Dessa forma, a referência ao “Q de Queiroz”, feita pelo sujeito internauta, traz efeitos de sentido de denunciamento, de um *cala a boca, deputado Eduardo* e do escândalo da loja de chocolates do senador Flávio Bolsonaro (irmão do deputado Eduardo).

Do exposto, via funcionamento da memória discursiva, a imprensa nacional fez circular e cristalizar sentidos de que a loja de Flávio Bolsonaro foi um dos alvos de 24 mandados de busca e apreensão do Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ), no âmbito da investigação que apura movimentações financeiras suspeitas envolvendo Queiroz. A loja de Flávio, registrada na Receita Federal como *Bolsotini Chocolates e Café LTDA*, é uma franquia da *Kopenhagen*, marca de chocolates com filiais espalhadas pelo país. Flávio, filho mais velho do presidente Jair Bolsonaro, é dono de 50% da loja, segundo sua prestação de contas à Justiça Eleitoral em 2018, quando concorreu ao Senado. Ele é acusado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ) como suspeito de ter cometido, pelo menos, três crimes: *falsidade ideológica, corrupção por desvio de dinheiro público e lavagem de dinheiro*.





4 EFEITO DE FIM

Na AD o que está fora (a exterioridade) faz parte integrante do que está dentro (o interior). Desse modo, este artigo mostrou que não há dicotomia; o que existe é tensão. Houve a presença da contradição entre o que foi enunciado no *Twitter*, no dia 13 de outubro de 2019, pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro e retuitado por uma internauta cognominada de *Sapatão de sítio*.

Nesse ponto, essa atividade tensional, equívoca, que se produziu na trama dos sentidos, deu-se através de um enunciado escrito na camisa do parlamentar Eduardo Bolsonaro e que foi exibida por ele durante o último dia da conferência conservadora CPAC. Nesse evento, o parlamentar desfilou com sua camisa irônica, que apresentou a sigla LGBT com sentidos diferentes da tradicional LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) e, em seguida, fez uma publicação acerca disso no *Twitter*.

O sujeito deputado federal Eduardo Bolsonaro publicou no *Twitter* o seguinte enunciado: - “O conceito de LGBT foi atualizado com sucesso por uma equatoriana que mora na Argentina e me deu essa camisa aqui no Brasil”. Contudo, pela ótica da AD, esse *enunciado (recorte 1)* se dá em função do real constitutivo, do efeito de incompletude inerente à falta, ao furo no sistema simbólico, fazendo lugar para o possível, espaço de funcionamento do efeito metafórico. Nessa compreensão, como sujeito interpelado pela ideologia bolsonarista, o parlamentar se mostrou transpassado pelo “esquecimento nº 2”, no qual o sujeito tem a ilusão de que o que diz tem apenas um significado. Ele acredita que todo interlocutor captará seu enunciado da mesma forma. Assim, ele enunciou: “O conceito de LGBT foi atualizado com sucesso”.

Contudo, este artigo mostrou que o “sucesso” imaginado pelo deputado (esquecimento nº 2), ao produzir um discurso irônico endereçado à comunidade LGBT, por acreditar que os seus interlocutores achariam engraçado, não produziu o efeito esperado, pois foi logo deslizado e reverberado em efeitos metafóricos, ao ser retomado (retuitado) por meio de um enunciado produzido pela internauta cognominada de *Sapatão de sítio*, que afirmou: - “Camiseta LGBTQ da era Bolsonaro devidamente corrigida. L de Laranjas, G de Gado, B de Bosta, T de Terra Plana, Q de Queiroz”. É importante notar que de “atualizada com sucesso” para “devidamente corrigida” houve um deslocamento no qual a primeira expressão derivou para a segunda. Torna-se necessário, então, mencionar a questão do litígio discursivo em torno disso já que estamos no terreno das contradições. Algo que é atualizado retoma um já-dito atribuindo-lhe novos/outros elementos sem, necessariamente, buscar promover um efeito de apagamento do discurso que antecede tal atualização. Já a expressão “devidamente corrigida” remete a um deslizamento de sentido que direciona uma ação necessária sobre





um já-dito: “devidamente” está associada a uma urgência que não pode ser negligenciada e “corrigida” é utilizada no âmbito de um deslocamento que produz um efeito de silenciamento do discurso que antecede tal revisão. Ao utilizar tal expressão, não se busca operar apenas uma atualização de sentidos, mas um apagamento do discurso que antecede tal revisão já que remete a produção de sentidos sobre o silenciamento de algo que não deve mais existir para que o sujeito possa se identificar com a ressignificação da sigla.

Nesse ponto, aqui se mostrou que os outros do discurso que determinam seu dizer não foram percebidos pelo sujeito deputado Eduardo Bolsonaro, assim como nem ele nem os interlocutores podem ter controle total sobre os efeitos de sentido que seu dizer provocou, precisamente porque sentidos indesejáveis foram mobilizados. Desse modo, durante as análises aqui apresentadas, este artigo questionou o sujeito como centro e origem do sentido, já que ele (deputado Eduardo Bolsonaro) situa o seu discurso em relação aos discursos do outro (comunidade LGBT), pois, para a AD, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, por estar inserido num determinado lugar e tempo no decorrer da história. Nessa diretriz, o sujeito da AD é cindido, clivado e descentrado de sua posição de controle, porque ele é atravessado pelo inconsciente e há um efeito ideológico funcionando nele.

Assim, este artigo apresentou análises que mostraram a existência de dois processos usados nos dois enunciados (recortes 1 e 2): o parafrástico e o polissêmico. O parafrástico apareceu como o sentido já existente, é a retomada daquilo que já fora dito (LGBT). Um processo constitutivo, pois é do sentido existente que se forma o novo, o polissêmico, que se mostrou como a constituição de outros efeitos de sentido, na relação que o parlamentar e a internauta fizeram entre o que já se circula a partir do funcionar da memória discursiva, por exemplo, “LGBT (Q de Queiroz), que foi reatualizado em efeitos metafóricos no próprio título deste artigo, aqui, apresentado.

A memória discursiva se mostrou funcionando conforme defende Pêcheux, pois segundo esse autor, todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. Desse modo, este trabalho mostrou que, nos dois enunciados (recortes 1 e 2) analisados, foi possível perceber a reatualização da ideia de “liberdade” apresentada e defendida pelos bolsonaristas de que iriam tirar o Brasil das amarras do viés ideológico, por exemplo, da ideologia de gênero, combatida pelo sujeito deputado federal Eduardo Bolsonaro e seu pai, o presidente Jair Bolsonaro, durante o período das eleições de 2018 no Brasil.

Foi possível perceber também o já-dito, por meio da associação às armas, que se tornaram um dos ícones da campanha dos candidatos bolsonaristas nas eleições de 2018, através do gesto feito com os dedos das mãos para formarem a imagem de uma arma, além da própria referência aos nomes



de Bolsonaro e Trump numa associação à representatividade social que eles significam para a humanidade. Ainda foi possível observar, no funcionamento da memória discursiva, o ressoar de ecos de alguma coisa que fala, antes, noutra lugar, conforme Pêcheux (1990, 1999), pois a referência ao “L de Laranja”, por exemplo, permitiu que esses termos linguísticos se (re) inscrevessem numa memória atual, que acessou uma rede de memórias sobre os escândalos que ficaram conhecidos popularmente como *o laranjal do PSL* (ex-partido da família Bolsonaro), pelo fato, principalmente do ex-assessor Queiroz e do seu irmão, Flávio Bolsonaro, serem denunciados no esquema de laranjas e lavagem de dinheiro pelo MP – RJ.

REFERÊNCIAS

- GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. (org.). **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2003.
- INDURSKY, F. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. *In*: MARIANI, B. (org.). **A escrita e os escritos**: reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Clara Luz, 2006. p. 121-132.
- INDURSKY, F. Remontando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em contraponto. *In*: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Clara Luz, 2005. p. 183-194.
- LASSEN, D. B. M. Efeitos de sentido: tentativa de contenção e deslizamento. **Cadernos do IL**, n. 40, p. 73-82, jun. 2010.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Terra à vista**: discurso do confronto - velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- ORLANDI, E. P. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. **Entremeios**, v. 9, p. 1-8, jul. 2014.
- ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 61-162.





PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 2. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Tradução: Eni Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1978]. p. 269-281.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* (org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

SITES CONSULTADOS:

REVISTA FÓRUM. Camisa “LGBT” de Eduardo Bolsonaro vira piada e redes acrescentam “Q” de Queiroz. **Revista Fórum**, 13 out. 2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/camisa-lgbt-de-eduardo-bolsonaro-vira-piada-e-redes-acrescentam-q-de-queiroz/> Acesso em: 05 jan. 2020.

REVISTA VEJA. Eduardo Bolsonaro tenta ironizar sigla LGBT, mas vira piada. **Revista Veja**, 14 out. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-tenta-ironizar-sigla-lgbt-mas-vira-piada/> Acesso em: 05 jan. 2020.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Eduardo Bolsonaro passa vergonha nas redes após ironizar sigla LGBT. **Pragmatismo Político**, 15 out. 2019. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/10/eduardo-bolsonaro-vergonha-camisa-lgbt.html> Acesso em: 05 jan. 2020.

Artigo recebido em: 15/05/2020

Artigo aprovado em: 07/07/2020

Artigo publicado em: 29/09/2020

COMO CITAR

SILVA, D. S. da. LGBT (Q de Queiroz): deslizamentos de sentido em efeitos metafóricos no discurso do deputado Eduardo Bolsonaro no Twitter. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-16, e02022, 2020.

